

Índice – Sommaire

Tabula gratulatoria	XI
Einleitung des Herausgebers	XIII
Introdução do Editor	XVIII
Publicações científicas de José Gonçalo Herculano de Carvalho	XXIII

I. Semiótica, pragmática e texto

<i>Thomas A. Sebeok (Bloomington)</i> A origem da linguagem	3
<i>Bernard Pottier (Paris)</i> Sur l'opération de dénomination	11
<i>Harald Weinrich (München/Paris)</i> Análise textual dos demonstrativos em português	15
<i>Reinhard Meyer-Hermann (Bielefeld)</i> Processos de topicalização e focalização no português falado	25
<i>Gunther Hammermüller (Kiel)</i> O tratamento de <i>vós</i> em Rio de Onor	43
<i>Elena Wolf (Moscou)</i> O enunciado apreciativo (semântica e pragmática)	55
<i>Jürgen Schmidt-Radefeldt (Kiel/Rostock)</i> Partículas discursivas e interaccionais no português e no espanhol em contraste com o alemão	63

II. Fonética, morfologia e sintaxe

<i>António Almeida (Luxemburg)</i> Transcrição fonética: certezas e incertezas	81
<i>Andrei Avram (Bucarest)</i> A propos du statut phonologique des voyelles nasales portugaises	87
<i>Manuel Casado (Pamplona)</i> Los compuestos de 'substantivo + substantivo' en aposición – Su tratamiento en la tradición lingüística española	93
<i>Dieter Messner (Salzburg)</i> Os compostos 'verbo + substantivo' em português	99

Eugénio Coseriu (Tübingen)

O volapük do Extremo Oriente

1.1. O mais antigo documento europeu concernente ao aino é uma lista de 49 palavras desta língua contida na *Relatione del Regno di Iezo* do padre jesuíta Girolamo de Angelis, escrito publicado póstumo em Roma, em 1624*, como secção de uma mais ampla *Relatione di alcune cose, Cavate dalle lettere scritte ne gli anni 1619. 1620. & 1621. dal Giappone*. Desta lista e do seu extraordinário valor para a ainuística ocupou-se já há algum tempo, com a sua conhecida perícia, o saudoso ainuista Pierre Naert num breve mas importante estudo, "Une liste de mots ainou dressée au 17^e siècle. La plus ancienne source européenne connue sur la langue ainou", publicado na revista *Orbis*, XI, (1962), págs. 116-130; estudo em que, nas págs. 116-126, reproduz também grande parte do texto do padre De Angelis (a lista de palavras, nas págs. 122-123). Através deste texto ficamos a saber, entre outras coisas, que o jesuíta italiano escreve da cidade de Matsumai (hoje: Hakodate), na ilha de Hokkaidō (outrora: Yezo, Ezo), e que, portanto, também os seus apontamentos lingüísticos se referem, precisamente, aos falantes de aino desta ilha.

1.2. Ora, esses apontamentos não são apenas de interesse para a ainuística, mas também, num contexto muito mais amplo, no que diz respeito ao contacto entre línguas da Europa e da Ásia no Extremo Oriente e à antiguidade da difusão de certas línguas europeias (ou, pelo menos, de *c e r t a* língua europeia) nessa região do mundo. Isso, em particular, devido a um estranho recurso empregado na *Relatione* para explicar o uso dos numerais em aino: "Con li detti numeri contano tutte le cose, come contiamo noi in Europa le nostre; ma non hanno quella varietà, che si ha nel Giappone. Per essemplio dicono, Xineppù cauallo, vn cauallo. Xineppù columna, vna colonna. Xineppù homeni, vn huomo. Xineppù papel, vna carta, &c." (*art. cit.*, pág. 123).

2.1. A este respeito, Naert comenta numa nota: "Remarquer le mélange d'italien, de latin et de curieux volapük utilisé par DA [De Angelis] pour les substantifs à traduire." Mas, tratar-se-á realmente, no caso das palavras citadas como exemplo (*cauallo, columna, homeni, papel*), de um "mélange d'italien, de latin et de curieux volapük"? Para já, o italiano fica excluído pelo simples facto de que *t o d o s* os exemplos (inclusive o materialmente idêntico *cauallo*) aparecem traduzidos precisamente para o italiano, e em todos os casos por formas italianas genuínas e correctas (em grafia actual: *cavallo, colonna, uomo, carta*). E ao latim corresponderia apenas a forma *columna*. Quanto ao "estranho volapük", ou seja, à língua imaginária ou artificialmente construída suposta por Naert (provavelmente para justificar os traços em que os exemplos se afastam tanto do italiano como do latim), não há necessidade nenhuma de o supor. Nem qualquer razão; porque *t o d o s* os exemplos, sem excepção, são formas normais e correctas de

* Girolamo de Angelis nasceu em Castrogiovanni ou em Enna (Sicília) em 1567 e morreu queimado vivo em Edo (Tóquio) na perseguição anticristã de 1623. Foi beatificado por Pio IX em 1867.

outra língua: trata-se, simplesmente, das palavras portuguesas *cavalo*, *coluna*, *homem*, *papel*, na grafia da época.

2.2.1. A comprovação deste facto evidente não simplifica, contudo, os problemas levantados pela passagem citada, muito pelo contrário, complica-os. A intenção do texto é, sem dúvida, bastante clara: pretende-se destacar que os numerais do aino não se empregam com classificadores, como no japonês, mas sim, como nas línguas europeias, directamente com os substantivos (ainda que, como com razão observa Naert, a forma *xineppù* contenha uma espécie de classificador). Mas, porquê e em que situação histórica se utiliza por volta de 1620, e em Hakodate, na ilha de Hokkaidō, precisamente o português para explicar um uso lingüístico do aino? E quem o utiliza? O autor da *Relatione*, De Angelis, ou o seu informante? E como o utiliza quem o utiliza? Confundindo-o por ventura com o aino (isto é, com a convicção de que *cauallo*, *columna*, *homen*, *papel* são palavras do aino) ou com a consciência de que se trata de outra língua, que se utiliza como instrumento para a descrição, como “metalingua”?

2.2.2. Sobre este último ponto, pelo menos, parece que não pode haver dúvida. É certo que no texto se lê “dicōno Xineppù cauallo”, etc., como se se tratasse de citar palavras dos ainos. Mas a própria correcção, inclusive ortográfica, das formas portuguesas bastaria para excluir esta interpretação. Além disso, logo a seguir lê-se no mesmo texto: “L’huomo si chiama Cassamay”; o que quer dizer que quem fornece a informação sabe muito bem que “homem”, em aino, não é *homen*. É evidente, pois, que os exemplos se justificam pela referência explícita feita ao uso europeu dos numerais e que a sua função é genericamente “metalingüística”: as formas portuguesas representam (estão em lugar de) formas funcionalmente análogas, mas não especificadas, do aino.

2.2.3. Mais difícil é determinar se o autor do comentário lingüístico é o próprio De Angelis ou o seu informante. De Angelis, porém, não teria tido motivo para citar os exemplos em português; teria mais provavelmente empregado o latim ou ter-se-ia conformado com o italiano. Fica-se antes com a impressão de que De Angelis reproduz, mais ou menos mecanicamente, um texto ditado ou escrito por outra pessoa. Isto, também porque no seu texto há outros indícios de que os dados que nos oferece foram obtidos de um informante; assim, em particular, o facto de apresentar as formas do aino adaptadas à pronúncia japonesa. Naert escreve a este respeito: “Si ce n’est pas un Japonais sachant l’aïnou qui a servi d’informateur à DA – ce qui est le plus probable –, c’est un Aïnou qui, pour rendre plus »graphiables« les sons de sa langue, les a prononcés à la japonaise” (pág. 129). De qualquer modo, o informante devia conhecer também o português; pelo menos, o suficiente para citar correctamente quatro formas nesta língua. Mas um informante aino conhecedor do japonês não teria advertido que também as formas como *xineppù* (= *xine*, “um, uma”, + *ppù*) contêm “uma espécie de classificador”? E será que um aino (ou um japonês conhecedor do aino) podia conhecer o português e outras línguas europeias ao ponto de advertir o traço estrutural comum que, no caso dos numerais, distingue estas línguas do japonês e de escrever ou ditar de forma tão autêntica quatro palavras portuguesas? Entre outras coisas, nem o japonês nem o aino têm o fonema /l/, que aparece em *cauallo*, *columna*, *papel*. E teria podido um japonês ou

um aino dizer ou escrever “come contiamo noi in Europa le nostre [cose]”? Isto, evidentemente, caso também estas palavras sejam – tal como parece – palavras do informante e que De Angelis apenas reproduz.

3. Parece-me que há aqui uma outra possibilidade, muito menos problemática: simplesmente, que o informante do jesuíta italiano tenha sido um português conhecedor do japonês e do aino, talvez outro jesuíta, radicado anteriormente como missionário em Hokkaidō. Observe-se que também as formas como *xineppù*, nas quais *x* corresponde ao fonema /ʃ/, apresentam grafia portuguesa, e não italiana ou latina. Seja como for, uma coisa é certa: o primeiro documento europeu conhecido sobre a língua aino testemunha-nos, ao mesmo tempo, a presença e o uso do português no longínquo Hokkaidō (*além, muito além da Taprobana*), nos começos do século XVII, e, mais ou menos directamente, também os contactos entre o português e o aino por volta dessa época, ou seja, no século “cristão” (e português) do Japão (1542-1639).

<i>Klaus Böckle (Tübingen)</i> L'»infinito pessoal« português et le problème du subjonctif >illogique< dans la complétive préposée introduite par (<i>le fait</i>) <i>que</i> dans les langues romanes	105
<i>Rainer Kuttert/Jaime Ferreira da Silva (Bochum)</i> A diferença sintáctica e semântica entre duas construções com <i>se</i> não reflexivo	123
<i>Friedrich Irmen (Heidelberg)</i> A temporalidade dos tempos verbais em português: o futuro	151
<i>Dieter Woll (Marburg)</i> "Na França e "em França", mas só: "na Alemanha" – porquê? Pequena contribuição para a história do artigo definido nas línguas românicas	163
<i>Heinz Kröll (Mainz)</i> O numeral <i>sete</i> na língua portuguesa	177
 III. Crioulos, tipologia e línguas diversas, línguas em contacto e sociolinguística	
<i>Willy Bal (Louvain)</i> PA PAPIA DI PEKADOR NA KRIYÔL "Pour parler de l'homme en créole" (créole português de Casamance)	189
<i>Germán de Granda (Valladolid)</i> Las retenciones léxicas africanas en el criollo portugués de Annabón y sus implicaciones sociohistóricas	199
<i>Paul Teyssier (Paris)</i> "Avoir" au sens d' "être" dans les créoles portugais d'Asie	209
<i>Ana Echaide (Pamplona)</i> Aspectos léxicos dialectales de la lengua vasca	219
<i>Eugenio Coseriu (Tübingen)</i> O volapük do Extremo Oriente	223
<i>Karl-Hermann Körner (Braunschweig)</i> Gramática normativa e tipologia linguística: A (não-)mutabilidade do francês <i>étant donné</i> (-e, -s), apreciada do ponto de vista da língua portuguesa e doutras "type-B-languages"	227
<i>Tankaré Derman/Harald Thun (Mainz)</i> Homme et personne dans une langue africaine à classes: le TEM (nord du Togo)	239
<i>Georg Kremnitz (Wien)</i> Remarques provisoires sur les situations sociolinguistiques du français en Afrique noire	267

IV. Linguística diacrónica

- Helmut Lüdtke (Kiel)*
As origens do -i átono final do português antigo 281
- Joseph M. Piel (Trier)*
Apontamentos e sugestões etimológicas da toponímia mirandesa
(hipóteses e certezas) 285
- Harri Meier (Bonn)*
Ib.-rom. *sorna*, fr. *sournois* 291
- Alvaro Galmés de Fuentes (Madrid)*
La "mallatía" en León y Portugal
(Etimología y origen de una institución jurídica mozárabe) 295
- Fernando Gonzáles Ollé (Pamplona)*
Notas sobre el léxico del murciano Ambrosio de Salazar 301
- Manuel Alvar (Albany, S.U.N.Y.)*
Español *catarata* 'rápido de un río' 309

V. Varia

- Brigitte Schlieben-Lange (Tübingen)*
Néologie, terminologie, lexicologie: A la découverte du morphème 317
- Jaime Ferreira da Silva (Bochum)*
Breve descrição do projecto de um dicionário das línguas
portuguesa e alemã 327
- Michael Metzeltin (Wien)*
A dinâmica da coesão na canção IX de Luís de Camões 331
- Rainer Hess (Freiburg)*
Poesia contemporânea em Portugal e na Alemanha 337

Semiótica e linguística portuguesa e românica

Homenagem a José Gonçalo Herculano de Carvalho

editado por
Jürgen Schmidt-Radefeldt